

CARLOS NUNO FERREIRA



PEDRÓGÃO D'AIRE

CARLOS REIS · O LARGO DAS EIRAS

FICHA TÉCNICA

**TÍTULO: PEDRÓGÃO D'AIRE E CARLOS REIS · O LARGO DAS EIRAS.
AUTOR: CARLOS NUNO FERREIRA.
FOTOS: CARLOS NUNO FERREIRA.
ARRANJO GRÁFICO: SERVIÇOS CULTURAIS DA CÂMARA MUNICIPAL.
EDIÇÃO: CÂMARA MUNICIPAL DE TORRES NOVAS · OUTUBRO'93.
EXEC. GRÁFICA: DIGITAL-TEXTO**

**DEPÓSITO LEGAL: 72 116/93 · CAPA:
CHAMINÉS DO LARGO DAS EIRAS**

**PEDRÓGÃO D'AIRE
E CARLOS REIS
O LARGO DAS EIRAS**

A C Â M A R A

Municipal de Torres Novas vai inaugurar o novo Museu Municipal de Carlos Reis.

Num lugar que gerações de Torrejanos sonharam reconstruir: o Palácio da família Mogo de Melo. Junto da igreja do Salvador, outra obra de vulto do núcleo histórico da Cidade.

Não é altura de celebrar nomes. A obra está feita. E é de todos. O que lhe confere o significado universal de Arte.

Para inaugurar e reabrir o Palácio. Um acontecimento importante. A recordar o nome que lhe deu o nome. A recordar a obra que deu nome ao Mestre.

Uma exposição que nos vai permitir recordar o homem que nasceu na nossa terra.

É pois com alegria que se entrega nas mãos da Comunidade. Um evento importante. De estudo e cultura. De intimidade com os homens grandes do mundo da Arte.

Q U E R

assinalar-se a alegria de todos com uma placa comemorativa. Como é hábito nestas coisas. Falou-se do Museu. Mas o Museu já tem o nome de Carlos Reis. No Jardim da Avenida Dr. João Martins de Azevedo, existe um busto de homenagem. E sua réplica nas salas pequenas do pequeno e velho Museu.

Assim nasceu a ideia de a colocar em Pedrógão. Pelos laços que o uniram a esta aldeia. Que percorreu. Onde sentiu o sol na cara das ceifeiras. E os mistérios da luz. Que os seus pincéis eternizaram.

Ali existe a velha casa de Clementina e Maria de Jesus Reis e Silva. Tão alterada. Mantendo contudo dos tempos velhos, uma dignidade que o tempo não destrói.

Em Pedrógão, sob palmeiras, no branco da cal que a inunda. A casa de António Carlos Reis e Silva. Hoje pertença de seus netos. Maria Alda, Maria de Jesus e José Carlos.

ATÉ HÁ POUCO

eram por lá vivos alguns modelos das suas obras.

E numa parede de sala, que o entardecer escurece, há um quadro sem grande valor. Mas de grande significado sentimental e histórico. Um dia, Maria das Mercês Reis e Silva pegou-me na mão.

— Anda cá para te explicar uma coisa. Arrastando os pés. Em passos pequenos. As costas dobradas. Os olhos vivos. Com a alegria da descoberta, contou:

— Àquela ceifeira foi pintada por Carlos Reis. Que nunca a chegou a acabar.

Olhei e passei adiante. Aos meus olhos de menino não era grande o interesse.

No quadro seguinte sorri. Que sempre fora feliz. Quando montava a burra cinzenta, em que a tia Maria se deslocava a Fátima.

Uma tela pequena. De pequenas casas. Onde um burro, quieto, de colorida albarda, estava preso às colunas da varanda.



Quadro de João Reis. assinado apenas em 1980.

Q U E G I R O

de albarda e tudo. Quem pintou isto?

— Esse foi o João Reis. O filho do primo Carlos. Quando era pequenito.

Passaram os anos. E na doença final da tia Maria Clementina ía visitá-la muitas vezes.

E um dia perguntei:

— Onde foi pintado este quadro?

— Olha filho, ali adiante, no Largo das Eiras. Foi o João Reis. Muito pequeno. Com o pai a ensinar.

Senti de novo a saudade do encanto. Do menino de bibe olhando o burro. Da colorida albarda.

Saí de casa. E fui ver. Lá estavam as casas. Restauradas mas intactas.

Olhei o longe.

Lá espregueava a torre da igreja. E o céu com nuvens de entardecer.

S E N T I

que ali acontecera essa coisa sem nome. Que dá o nome a tudo.

Um pai que ensina. Um filho que aprende.

Senti dentro o estremecer do tempo. Como se o tempo recuasse.

Peguei na máquina. E fotografei o lugar e o quadro.

Quando mais tarde vi as fotografias senti o milagre.

Só faltava o burro.

O que não tinha importância. Senão na minha saudade de criança.

Assim nasceu a ideia. De deixar no Largo das Eiras a placa comemorativa do património reconquistado.

Haverá outras opiniões. Mas deste modo se dá relevo à terra que amou. E se perpetua um gesto sem preço.

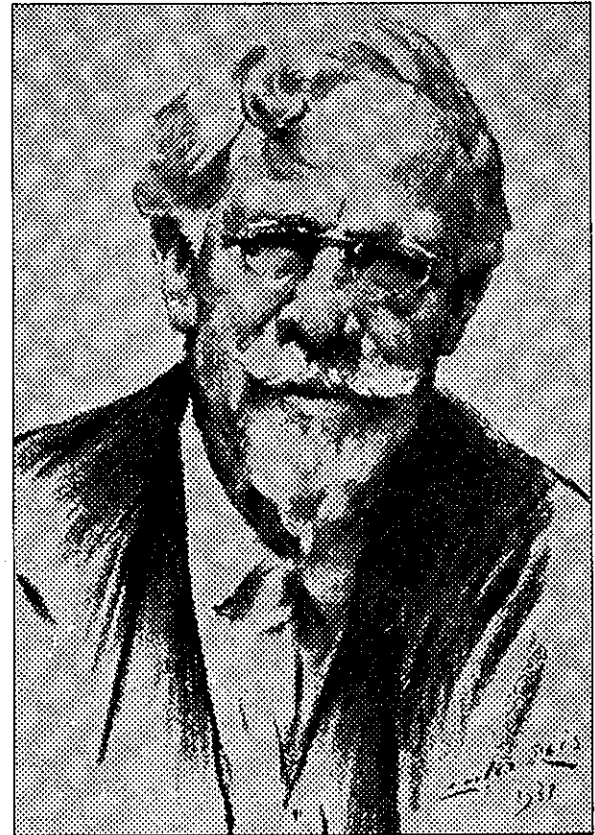
A rara oportunidade de segurar o passado.

Ficará pois o Pedrógão com a saudade do Mestre.

E Torres Novas com um Museu Municipal onde a arte do concelho pode ser exposta com dignidade.



A casa do Largo das Eiras como é na actualidade.



C A R L O S

António Rodrigues dos Reis, nasceu em Torres Novas a 21 de Fevereiro de 1863, no mesmo ano do Rei D. Carlos, de quem viria a ser grande amigo.

Filho do Dr. João Rodrigues dos Reis, médico na Mata, e de Maria de Jesus Nazaré dos Reis, natural de Pedrógão.

Foi baptizado na Igreja Paroquial de Sant'Iago, sendo padrinho, José Jorge das Neves e madrinha Nossa Senhora Mãe dos Homens.

Desde os seis anos que fazia retratos de pessoas conhecidas. Foi para Lisboa a pedido do padrinho, trabalhar na Tabacaria Neves.

Aí o conheceu o Rei D. Carlos que lhe viria a conceder uma bolsa de estudos. Que lhe permitiu não só estudar nas Belas Artes e ser discípulo de Silva Porto, como ir para Paris ser discípulo de Bonnat e P. J. Blanc.

Notabilizou-se na paisagem. Amava o povo. A terra. As coisas simples.

Foi professor da Escola de Belas Artes. Director do Museu das Janelas Verdes. Fundador e Director do Museu de Arte Contemporânea. Fundador do grupo Silva Porto e um dos da Sociedade Nacional de Belas Artes. Medalha de Ouro em várias exposições. Assistiu em Torres Novas à inauguração do museu com o seu nome. São muitos os quadros que deixou. Pintava muito e rápido. Soube dar luz aos quadros. Vida aos costumes. Da aldeia. Que amava. No fim de vida viveu na Lousã, no Casal da Lagartixa. Morreu em Coimbra em 21 de Agosto de 1940. Pai de João Reis e de Maria Luísa, ambos pintores. Bem como de Leonor Reis, que nos deixou bonitos poemas. Em particular um dedicado a seu pai.



Monumento a Carlos Reis, no Jardim da Avenida Marginal de Torres Novas (Escultor Raúl Xavier).

EDITADO NO ÂMBITO DA
EXPOSIÇÃO "CARLOS
REIS E A ATEMPORA-
LIDADE DE UMA PIN-
TURA PORTUGUESA".

TORRES NOVAS
OUTUBRO/JANEIRO 1993

